

AS VIDAS DOS IRMÃOS BOANERGES

Luiz Guilherme Marques

INTRODUÇÃO

Trata-se da revelação de três encarnações desses espíritos que para mim se apresentam respectivamente como Pai João e Pai Joaquim.

Sua afeição recíproca marcou a História da humanidade da Terra, começando pelo relato da Mitologia grega (Pólux e Cástor), passando pela contemporaneidade com Jesus (João e Tiago Maior) e Luís Gama e Antonio Bento, ambos que foram os maiores responsáveis pela Abolição da Escravatura no Brasil.

A figuração do “deus” Jano simboliza muito bem os espíritos ligados umbilicalmente por uma simpatia recíproca.

Assim é que se simbolizava o “deus” com duas faces e quatro faces.

Mas há casos de ligações estreitas entre um número muito maior de espíritos, como é o caso típico de vários membros da família Gracie, que se destaca no Brasil e mundialmente como grandes mestres da Saúde através da alimentação correta e da prática do Jiu-Jitsu.

Jano são todos aqueles que estão ligados por uma afeição inquebrantável, formando duplas ou mais.

Os Boanerges são um desses casos: dois irmãos espirituais, que vêm desempenhando na Terra grandes missões de Amor Universal, Progresso e Verdade.

I – JOÃO, O EVANGELISTA, E TIAGO MAIOR

Nunca acreditei que a enunciação de números nos Evangelhos e no Antigo Testamento fosse com o significado que hoje lhes damos, ou seja, de quantidade exata de coisas ou pessoas, mas sim para dizer que se tratava de grande ou pequena quantidade.

Assim, por exemplo, a menção aos sete dias da Criação, os três peixes e três pães multiplicados (pequena quantidade); os doze apóstolos (igualmente), os setenta (quantidade maior) e assim quanto aos quinhentos (quantidade maior ainda).

Mas há casos de números exatos, como, por exemplo, dos Boanerges (filhos do trovão), como Jesus chamou aos irmãos João [1] e Tiago [2], porque ambos eram irascíveis e corajosos ao máximo, mas também muito leais.

A história de João é muito conhecida, sobretudo devido à sobrevivência do seu Evangelho e do Apocalipse, mas, sobretudo, pela solicitação de Jesus a ele para que protegesse, como se filho fosse, sua Mãe, a partir da Crucificação.

Tal preferência se deveu, segundo deduzo, não só ao fato de se tratar de um jovem muito corajoso e fiel, como também por ser o menos machista de todos.

Viveu muitos anos e terminou seus dias, como nonagenário, em Éfeso, quando estava em companhia da Mãe, sendo que uma réplica da casa foi construída na cidade de Natividade – RJ pelo advogado e médico Fausto de Faria.

A casa merece ser visitada e tem três quartos, sendo que ela dormia em um, João em outro e havia um terceiro para os visitantes.



A respeito de Tiago as informações são menos abundantes, talvez, principalmente, porque viveu menos tempo, tendo sido morto por ordem de Herodes quando contava por volta de quarenta anos de idade.

Mas deixou um legado importante, que são cinco epístolas, que transcrevo abaixo [3].

II – CÁSTOR E PÓLUX



São tratados como personagens da Mitologia grega, mas tenho a dizer o seguinte: todos os covardes, que têm receio de afirmar as verdades históricas, jogam-nas na vala comum da Mitologia.

Realmente, podemos acreditar que esses irmãos existiram mesmo, mas inventaram-se fatos na sua biografia, como era comum acontecer nos tempos antigos e até hoje acontece com nossos contemporâneos, quando são biografados.

Vou transcrever o que encontrei na Wikipédia sobre eles:

Castor (em latim: Castōr; em grego: Κάστωρ, Cástor, lit. “castor”) e Pólux (em latim: Pollūx) ou Polideuces (em grego: Πολυδεύκης, Poludeukēs, “vinho muito doce”) eram dois irmãos gêmeos da mitologia grega e romana, filhos de Leda com Tíndaro e Zeus, respectivamente, irmãos de Helena de Troia e Clitemnestra, e meio-irmãos de Timandra, Febe, Héracles e Filónoe. Eram conhecidos coletivamente em grego como Dióscuros (em grego: Διόσκουροι, Dioskouroi, “filhos de Zeus”; em latim: Dioscūrī) e em latim como os Gêmeos (Gemini) ou Castores. Por vezes também são referidos como Tindáridas (em grego: Τυνδαρίδαι, Tundaridai; em latim: Tyndaridae), uma referência ao pai de Castor e pai adotivo de Pólux.

No mito, os gêmeos partilham a mesma mãe, porém têm pais diferentes – o que significa que Pólux, por ser filho de Zeus, era imortal, enquanto Castor não o era. Com a morte deste, Pólux pediu a seu pai que deixasse seu irmão partilhar da mesma imortalidade, e assim teriam sido transformados na constelação de Gêmeos. Os dois são tidos como padroeiros dos navegantes, para quem aparecem na forma do fogo de Santelmo.

Em algumas versões Pólux era mortal, mas sendo filho de Zeus recebeu o dom da divindade (imortalidade)

Mito

Por ser filho de um deus, Pólux foi agraciado com o dom da imortalidade. Por serem inseparáveis, quando Castor morreu, Pólux recusou a imortalidade enquanto permanecesse separado de seu irmão. Como Zeus, seu pai, não podia convencer Hades, o deus dos mortos a trazer Castor de volta à vida, ficou decidido que os dois irmãos passariam metade do ano nos infernos, e outra metade no Olimpo.

Existe outra versão na qual Zeus transforma Castor e Pólux na constelação de Gêmeos.

Tudo começou com Leda, que havia recentemente desposado Tíndaro, herdeiro do reino de Esparta. Zeus, fascinado com a beleza da jovem, deseja unir-se a ela, mesmo sabendo que não seria aceito, sendo ela recém casada. Assim, Zeus assume a forma de um belo cisne e se aproxima de Leda quando ela se banhava num rio. A jovem põe o animal no colo e o acaricia. Meses depois, Leda cai contraída de dor e percebe que do seu ventre haviam saído dois ovos: do primeiro, nascem Castor e Helena, do segundo, Pólux e Clitemnestra. Em cada ovo um filho de Zeus, Helena e Pólux, imortais, enquanto seus irmãos, filhos de Tíndaro, mortais como qualquer ser humano.

Apesar de serem filhos de pais diferentes, Castor e Pólux ficaram conhecidos como os Dióscuros (filhos de Zeus) e cresceram juntos, pene entre si a mais bela amizade. Levados por Hermes à cidade de Pelene, no Peloponeso, os irmãos logo mostraram-se fortes e corajosos. Castor especializou-se em domesticar cavalos e Pólux tornou-se um excelente lutador.

A região do Peloponeso onde moravam era assolada por piratas que incessantemente pilhavam as ilhas e amedrontavam o povo com sua violência desmedida. Castor e Pólux decidem então livrar a península da ameaça e derrotam o inimigo sozinhos e desarmados, feito que os tornou conhecidos em toda a Grécia como grandes heróis.

Mal haviam retornado da guerra contra os piratas, Castor e Pólux são chamados às terras do Calidão, onde seus pais se conheceram, para matar um enorme e terrível javali, enviado por Afrodite como vingança contra o povo da região, que não lhe havia prestado as devidas homenagens. Quando se revêem vitoriosos, os irmãos são novamente convocados para mais uma missão: conquistar o Velocino de Ouro na viagem com Jasão e os Argonautas que deveriam derrotar o terrível Cíclope.

Rapto de Hilária e Febe

Mas a grande batalha que determinaria os seus destinos aconteceu contra dois outros irmãos gêmeos: Idas e Linceu, herdeiros do reino da Messênia e noivos de Hilária e Febe. Os Dióscuros se apaixonaram perdidamente pelas duas jovens e tentam raptá-las, enfrentando assim a fúria dos messênios. No combate entre as duas duplas, Idas desferiu um golpe de lança fatal em Castor, que morre.

Atormentado pela perda do irmão, Pólux suplica a Zeus que devolva a Castor a sua vida. Comovido com tamanha fraternidade, o senhor dos Deuses propõe a única solução para salvar o jovem: Pólux deve dividir a sua imortalidade com o irmão, alternando com ele um dia de vida e outro de morte. Pólux concorda sem hesitações e a partir deste instante os irmãos passaram a viver e morrer alternadamente. Para celebrar tamanha prova de amor fraterno, Zeus caracterizou os Dióscuros na constelação de Gêmeos, onde não poderiam ser separados nem pela morte.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Castor_e_P%C3%B3lux)

III – LUÍS GAMA E ANTONIO BENTO



Luís Gama



Antonio Bento

Transcrevo, aqui, um trecho do meu livro “Luís Gama e Antonio Bento – os verdadeiros heróis da Abolição da Escravatura”:

LUÍS GAMA, O FILHO DA MÃE

Depois de ter postado na minha página do Facebook dois textos sobre Luís Gama, encontrei na revista “Escravidão – a verdade sobre o holocausto negro”, da On Line Editora, edição 08, ano 03, no capítulo 6, o tópico intitulado “Os Ilustres Cativos”, onde, no meio de dez nomes, está o de Luísa Mahin, que foi a mãe de Luís Gama.

Por isso mesmo, este artigo tem o nome de “Luís Gama, o Filho da Mãe”:

“Nasceu na África, era muçulmana, dominava o árabe e chegou ainda jovem na Bahia. Atuou boa parte da sua juventude como escrava, mas, em 1812, conseguiu sua liberdade e passou a vender doces pelas ruas de Salvador. Tal função lhe ajudou a articular várias revoltas dos escravos baianos contra os seus senhores, como a Revolta de Malês, discorrida no capítulo 3, pois como ficava na rua, era o ponto de comunicação entre negros rebeldes, distribuindo em árabe suas respectivas mensagens. Nesse período ficou conhecida entre as comunidades negras como a “Rainha da Bahia”.

Em 1830 Luísa se relacionou com um português e acabou engravidando de um menino que se chamou Luís Gama. Em 1835, quando seu filho completou cinco anos, sua atuação de articuladora de revoltas de escravos, nas ruas de Salvador, foi descoberta pelo governo baiano e Luísa fugiu para o Rio de Janeiro, mas em 1838, acabou sendo presa e deportada para Angola, tendo que deixar seu filho no Brasil aos cuidados do seu pai.

Depois que foi deportada, não houve mais registros sobre a trajetória biográfica de Luísa. Mas sua atuação para libertar o povo negro jamais foi esquecida pela comunidade afro-brasileira, tanto é que para homenageá-la o Grupo Coletivo de Mulheres Negras deu nome a uma praça em Cruz das Almas, em São Paulo.”

Vou deixar para os prezados leitores a seguinte interrogação: - Se ela dominava o árabe e distribuía para os escravos baianos mensagens em árabe, quem as escrevia? Acredito que ela era a escritora única ou uma dessas pessoas que escrevia.

Outra pergunta: - Quantas mensagens foram escritas? Qual o seu nível de qualidade literária, política e filosófica? Não estaremos aqui diante de uma escritora negra, ou seja, uma das primeiras escritoras negras do Brasil?

Outra pergunta: - Por que ninguém aprofundou a pesquisa sobre isto até hoje?

Outra ainda: - Existe algum interesse de algum pesquisador ou do próprio Grupo Coletivo de Mulheres Negras em fazer esse trabalho de pesquisa, a que me refiro, para o reconhecimento público dessa provável escritora?

De qualquer forma, aqui está a justificativa de chamar Luís Gama de “filho da mãe”. Ou não o é?

Em seguida, transcrevo os dois textos que postei no Facebook:

3 - LUÍS GAMA E O MOMENTO ATUAL: UM EXEMPLO DE AUTORRESPEITO E CIDADANIA

No Brasil de hoje o clientelismo petista criou uma mentalidade acomodaticia e prejudicial tão mal intencionada que faço questão de contar uma história verdadeira, a fim de levantar o ânimo das pessoas que passam por dificuldades no trajeto da vida, querendo justificar, por exemplo, o tráfico de drogas, a bandidagem, a ociosidade etc. etc.

Luís Gama (1830 - 1882) nasceu filho de um quase estupro de um safado de sangue azul, branco, contra uma negra escrava.

Para pagar uma dívida de jogo, o pai cafajeste vendeu Luís como escravo.

Até os 17 anos o moço era totalmente analfabeto, mas tanto fez que se tornasse jornalista, fundando um jornal com nada mais nada menos do que Rui Barbos, que, ao contrário do que possam pensar os prezados leitores, foi discípulo de Luís Gama, frequentando seu escritório de advocacia, já famoso, junto com outros estudantes de Direito, dentre os quais Antonio de Castro Alves.

Essa foi apenas uma das façanhas do maior dos abolicionistas, que se tornou defensor da eliminação da escravidão negra no Brasil.

Casou-se aos 20 anos e teve um filho, sustentando a esposa negra e o menino com o fruto honesto do seu trabalho como jornalista e, em determinadas épocas, com seus vencimentos de funcionário público, uma vez que considerava a advocacia como um sacerdócio e, portanto, não podia receber honorários advocatícios nas causas em que atuava e, que, por sinal, foram muitas, tanto que chegou a ganhar a liberdade, através de habeas corpus, para mais de quinhentos negros.

Este é o resumo de uma história verdadeira de quem não viveu nas costas do Governo, com bolsa família, vale transporte etc. etc. e muito menos viveu da criminalidade.

4 - CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE LUÍS GAMA

Falei alguma coisa da biografia de Luís Gama em uma postagem de ontem, mas o mais importante vou dizer agora.

Como tinha dito, nasceu filho de um enfatuado de sangue azul, branco, num quase estupro contra uma negra.

Seu pai desprezava-o tanto que o vendeu como escravo para pagar uma dívida de jogo.

A mãe era uma mulher de uma fibra extraordinária, que batalhou a favor da libertação dos escravos e acabou sendo presa e é quase certo que foi assassinada, apesar de alguns dizerem que foi deportada para Angola.

Alguém acredita que seria dada essa regalia a uma simples negra, ex-escrava, ainda mais que era líder do movimento libertário? Seria muita ingenuidade dos próprios elementos que a detiveram e podiam fazer contra ela qualquer tipo de maldade que ninguém acharia nada de absurdo.

Luís, o mulato alto e forte, fugiu para livrar-se da escravidão, mas permaneceu analfabeto até os 17 anos, quando, quase que por acaso, um rapaz idealista, que estudava Direito, resolveu ensiná-lo a ler, escrever e gostar da intelectualidade.

Então, o gênio tardio revelou-se uma das maiores personalidades da Cultura brasileira do século XIX.

Trabalhou como militar em duas ocasiões e também em outras atividades, sendo que, como militar, foi exonerado pelo que hoje a gente entenderia como a não aceitação frente ao autoritarismo e à injustiça.

Como dito anteriormente, casou aos 20 anos de idade e teve um filho, que se tornou um homem destacado.

Para resumir sua luta, tanto se esforçou que acabou conseguindo frequentar o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, a mais famosa do país naquela época, como ouvinte, pois não aceitaram seu pedido de matrícula, porque era negro. Ali também estudaram Rui Barbosa e Castro Alves, dentre outros.

Um dos seus grandes admiradores foi o escritor Raul Pompéia.

Também como dito no texto anterior, fundou jornais, um dos quais em sociedade com Rui Barbosa.

Sustentou-se e à família com os poucos proventos do jornalismo.

Deixou uma única obra literária, de poemas, porque seu tempo era dividido entre a advocacia, quando passou a exercê-la e o jornalismo.

Como jornalista escreveu muito, mas, infelizmente, ninguém se preocupou em reunir seus textos jornalísticos e publicá-los sob a forma de livro.

Como advogado defendeu muitas causas, a maioria pleiteando a liberdade para negros escravos ou escravizados ilegalmente.

Com sua atuação como advogado não diplomado (rábula) conseguiu a libertação de mais de quinhentos escravos.

Seu gênio firme e resoluto o fez “bater de frente” com a Justiça da época, flagrantemente favorável aos senhores de escravos e o gigante negro perdeu a cabeça no sentido exato da palavra e aplicou uma surra em determinado membro do Judiciário da época, daí ficando

muito prejudicada sua fama, que, se não fosse esse ato de destempero, hoje veríamos um Luís Gama retratado como grande herói nacional.

Mas, nem sempre dá para aguentar as injustiças sem uma reação mais forte: foi o que aconteceu com Luís Gama, que alguns dizem que foi melhor advogado do que o endeusado (com toda razão) Rui Barbosa.

Permaneceu sempre muito pobre e recebia na sua casa todos os que o procuraram, sempre com seu gênio alegre e com seus “agradados de carroceiro”, ou seja, “brincadeiras pesadas”.

Na advocacia e no jornalismo atacava com palavras duras os escravocratas.

Apesar de praticamente autodidata chegou a alcançar um nível extraordinário de erudição e ficou dono de um estilo literário raiando pelo inacessível até para as pessoas cultas.

Em 2015, ou seja, 133 anos após sua morte, a OAB outorgou-lhe o título de advogado (deixando postumamente de ser tratado como rábula), num ato de reconhecimento tardio à sua grande cultura jurídica e cultura geral, sem contar o seu trabalho corajoso e idealista na área forense.

Vejam seu poema, em que rebate o qualificativo depreciativo de bode:

"(...)

*O que sou e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados*

*Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos,
Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu, que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode,
Pouca importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muita vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos ,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, vereadores;*

*Belas Damas emproadas,
 De nobreza empantufadas;
 Repimpados principotes,
 Orgulhosos fidalgotes,
 Frades, Bispos, Cardeais,
 Fanfarrões imperiais.
 Gentes pobres, nobres gentes,
 Em todos há meus parentes.
 Entre a brava militança
 Fulge e brilha alta bodança;
 Guardas, Cabos, Furriéis,
 Brigadeiros, Coronéis,
 Destemidos Marechais,
 Rutilantes Generais,
 Capitães de mar e guerra,
 — Tudo marra, tudo berra —
 Na suprema eternidade,
 Onde habita a Divindade,
 Bodes há santificados,
 Que por nós são adorados.
 Entre o coro dos Anjinhos
 Também há muitos bodinhos. —
 O amante de Siringa
 Tinha pelo e má catinga;
 O deus Mendes, pelas contas,
 Na cabeça tinha pontas;
 Jove quando foi menino,
 Chupitou leite caprino;
 E, segundo o antigo mito,
 Também Fauno foi cabrito.
 Nos domínios de Plutão,*

*Guarda um bode o Alcorão;
 Nos lundus e nas modinhas
 São cantadas as bodinhas:
 Pois se todos têm rabicho,
 Para que tanto capricho?
 Haja paz, haja alegria,
 Folgue e brinque a bodaria;
 Cesse, pois, a matinada,
 Porque tudo é bodarrada."*

Seu grande admirador foi o escritor Raul Pompéia [4]

Devido à sobrecarga emocional, contraiu diabetes, vindo a falecer aos 52 anos de idade.

Imagine-se um negro advogando, numa época em que a escravidão era uma instituição legitimada, sofrendo todos os tipos de pressões e desrespeito, sem poder dar vazão ao seu gênio corajoso e imperativo: o organismo não aguentou tamanha luta interior e a musculatura e a ossatura poderosas do gigante negro perderam para o sistema glandular, que deveria ser seu ponto fraco: Sansão foi derrubado pela doença devastadora, que, na época, não tinha para combatê-la a insulina.

5 - NOTÍCIAS INICIAIS SOBRE ANTONIO BENTO DE SOUSA E CASTRO

Cada pesquisador destaca os fatos que julga mais importantes e analisa conforme sua índole pessoal ou até as conveniências também pessoais.

Vou citar um desses e, em seguida, falarei um pouco sobre Antonio Bento nesta Introdução para, mais adiante, abordar mais aprofundadamente sua biografia: será como a pintura de uma parede, dadas várias mãos de tinta para a fixação da cor.

“O desconhecido movimento dos Caifazes foi organizado no final do século XIX, pelo maçom, juiz e advogado Antônio Bento de Sousa e Castro.

O foco era organizar as fugas coletivas de escravos, ou como se dizia na época eram ladrões de escravos. Onde mandavam estas pessoas ao quilombo de Jabaquara na cidade de Santos, então província de São Paulo. E de lá eram mandados para o Ceará, cuja província havia decretado uma especie de lei de iguldade racial.

Se chamava Movimento dos Caifases por inspiração simbólica (os maçons são mestres em simbologia entre outras coisas) ao persoangem Caifás, cuja alcunha virou sinonimo de traição e subornagem. Segundo os Evangelhos, Caifás foi o sacerdote judeu que pagou a Judas as famosas trinta moedas para que entregasse Jesus. Mas, como as coisas são sempre aparentes, esta viciosa atitudoe se transformou no ápice do enredo da salvação da humanidade. Com isso, Antonio Bento surgiu com uma inédita idéia de “traição” os Senhores escravocratas, se tornando (simbolicamente) traidores da sociedade. Como está escrito em São João Cap. 11, vers. 50 “Vós nada sabeis, nem compreendeis que convém que um homem morra pelo povo, para que o povo não pereça? E entregou Jesus a Pilatos”.

E os Caifases fora tão felizes na sua empreitada que com excessão de poucos bolsões e monarquistas radicais, muitas pessoas já começaram a abolir seus escravos antes da Leia Aurea em 1888.

Este movimento, além de patrocinar fugas e “pegar na massa” mesmo, ainda perseguiam capitães-do-mato e faziam ameaças e conspiravam contra senhores escravagistas.

Formado por uma rede marginal organizada, típica dos mais ordeiros e sistemáticos homens, eles se espalharam e se infiltraram em vários setores da sociedade burguesa escravagfista paulista, tramando suas investidas e assaltos contra o grande “patrimonio” privado dos “homens de bens”. Além de proverem a logistica e dar

guardadas aos fugitivos, ainda fomentava rebeliões e armavam sequestros; chegando a subornar policiais e demais figuras elitistas. Estes clandestinos contavam com o paio da população o Sernho Bento, sendo um funcionário da Lei sabia muito bem como funcionava toda a rede de corrupção do país (essa corrupção é antiíiiga....), afinlka além de juiz, ele foi delegado de polícia e advogado.

Mas apesar da população aplaudir, causava ódio, temor e pânico dos senhores de engenho pois lhes atribuía a causa da desestabilidade da economia. Mas este milicianos, ao contrario de hoje, só fazia o bem, pois também batalhavam para fazer com que seus apadrinhaods também entrassem no mercado de trabalho, o que o próprio goveno nunca se preocupou em fazer na pós -abolição.

Outro fato curioso da época, foi o inglório e pesaroso episódio da Guerra do Paraguai, onde os escravos eram os “Voluntários da Pátria”, negros que ou eram alforriados somente para o devido fim de guerrear, ou iriam para as trincheiras no lugar de filhos ou senhores abastados, pois os “nobres, honrados e valentes” senhores fugiam da “recoluta” – o alistamento militar, com a troca de alguns miseráveis escravos.

Com o final da guerra em 1870, o “Exercito de Macacos”, nome dado supostamente pelos paraguaios aos soldados brasileiros, a tal “abençoada” alforria caiu por terra, e muitos dos ex-soldados retornaram à senzala, ao trabalho enfadonho e à chibata. Pois a economia paulista esta alicerçada no café.

Dentre seu líder, era advogado e jornalista, foi promotor na cidade de Limeira e Botucatu, juiz em Atibaia, onde também acumulou o cargo de delegado de policia. Dizia-se que era uma personalidade um tanto excêntrica tanto fisicamente, como no modo de vestir-se. Era polemico e controverso, pois apesar da profissão de homem do governo, sempre despachava a favor dos escravos, nomeava abolicionista para cargos de confiança e sendo

alvo de muito ódio de colegas de demais elitistas, chegou a sofrer atentados contra sua vida, e foi demitido “a bem do serviço público” em 1875.

Um tiro no pé dos próprios “inteligentes” escravocratas, pois livre do peso de servidor público, Antônio Bento, se tornaria ícone da militância abolicionista.

Vivendo na capital, depois da demissão, trabalhou como advogado e jornalista fez amizade com outro irmão, o Sr. Luís Gama, e com o passar dos anos, segundo consta fez um juramento sobre o túmulo do amigo, Bento assumiu a frente da luta abolicionista e novamente vemos outro símbolo: o nascimento dos Caifazes.

Deixando de lado o aparato legal, cuja lê a favor dos escravos era a lei de alforria, os Caifazes agiam de forma típica de um Batman tupiniquim, valendo-se da valentia, coragem, inteligência e astúcia; assaltavam as fazendas cafeeiras. Os grupos se subdividiam em equipes de centenas de anônimos, os “cometas” denominações aos caixeiros-viajantes que atuavam no interior, realizavam fugas em massas, e realizavam resgates nas estações ferroviárias, o que somam hoje, cerca de 10 mil escravos auxiliados nestas aventuras.

Como um autêntico maçom: misterioso, e invisível; Antonio Bento, nosso Bruce Wayne da vida real, sua atuação se dava em ter uma vasta rede muito bem elaborada e organizada, atuando em todos os setores sociais possíveis. Ele integrava a Loja Maçônica de Piratininga, ligada diretamente à grande Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, a irmandade das elites; ao mesmo tempo integrava as confrarias de Nossa Senhora dos Rosários, Santa Elesbão e Santa Efigênia. Dentre os Caifazes havia todo tipo de profissionais desde os caixeiros-viajantes e policiais já citados, a comerciantes, políticos, até mesmo personas non gratas pertencentes às famílias escravagistas e a própria população mais humilde.

Dos mais ricos, havia um apadrinhamento financeiro para a logística das fugas, de coparas de cartas de

alforria e manutenção dos novos funcionários até que estes se estabelecessem como profissionais como pedreiros, carroceiros, alfaiates e demais serviços urbanos. Do populacho, principalmente ao redor das irmandades dos negros, formadas quase exclusivamente por ex-escravos, a atuação era invisível, como os esconderijos nas casas e nos trens. A ironia é que tantos os empregados das ferrovias, como os carroceiros e funcionários dos portos, os responsáveis pela traslado dos escravos, mantinham seu empregos devido à estabilidade do preço do café. Mas eram eles os principais protagonistas das fugas cinematográficas feitas debaixo da luz do sol.

Os escravos eram conduzidos do interior até o porto de Santos ou à capital. E ainda se conta de um fato onde cerca de 500 pessoas entre caifazes e população armaram um conflito para ajudar capoeiras que confrontaram com policiais e capitães-do-mato que estavam preparados para frustrar a fuga de escravos foragidos escondidos em barris de vinhos.

Também é notável a presença de cunhadas, as responsáveis pelas necessidades tanto de higiene quanto de alimentação dos fugitivos. E em Santos os negos do Quilombo de Jabaquara. Eis o caso da negra Brandina a dona de uma pensão e seu marido português, conhecido como “Garrafão”. O casal montou uma espécie de pequeno quilombo e ainda mantinha ajuda aos escravos doentes internados na Santa Casa de Misericórdia. Este casal era considerado o braço direito de Antonio Bento na cidade de Santos.

Ao matar dois coelhos, os Caifazes além de modernizar a sociedade brasileira, e logicamente fazer o bem, também ajudaram a fundar no país o sistema de trabalho assalariado, destruindo de vez um sistema caduco, herança da monarquia e dos ecos do feudalismo. A economia cafeeira da década 1880 foi desarticulada, inserido um novo tipo de trabalhador, e novos meios de trabalho, pois ao mesmo tempo modernidade que

simbolizava pela estrada de ferro, trazia os imigrantes e novas ideias de mercado. Entre os imigrantes, há o famoso Conde Matarazzo e suas empresas, e neste ínterim a escravatura era cada vez mais repudiada. O Obituário de um Maçom!

“Uma década depois da abolição, o nome de Antonio Bento ainda era difícil de engolir para parte da elite paulistana. Prova disso foi o estranho elogio fúnebre que lhe dedicou o jornal O Estado de S. Paulo quando ele morreu, em 1898:

O dr. Antonio Bento de Souza e Castro, o popularíssimo Antonio Bento das lutas pela abolição, faleceu ontem, nesta capital (...). Não era um brasileiro ilustre. Estudou e formou-se na nossa Faculdade de Direito, seguiu, logo depois de formado, a carreira da magistratura, dedicou-se por vezes ao jornalismo, mas, nem na Faculdade, nem na magistratura, nem no jornalismo conseguiu salientar-se. Não revelou jamais dotes de inteligência e seu espírito era notavelmente inculto. A ouvi-lo falar (falava como um homem rude do sertão) ou a ler o que ele publicava nos seus efêmeros jornais de combate (era deploravelmente incorreto e quase nunca sabia nada além da agressão pessoal ao adversário), ninguém diria que ele era um homem que tinha se sentado durante cinco anos nos bancos de um estabelecimento de ensino superior. Entretanto, o seu nome se fez célebre e glorioso em todo o Brasil e justamente célebre e justamente glorioso. (O Estado de S. Paulo, 9/11/1898)

(http://www.sobrenatural.org/noticia/detalhar/14347/caifazes_a_maconaria_sempre_a_servico_do_bem)

E Antonio Bento: quem foi esse personagem quase que totalmente desconhecido dos brasileiros e ignorado propositadamente pelos historiadores porque era homem de “estopim curto”?

Nesta primeira abordagem, os prezados leitores ficam sabendo que foi fazendeiro, delegado de polícia, promotor de justiça, advogado e juiz, tendo sido exonerado a bem do serviço público desse último cargo, que ocupou por apenas dois anos, porque não tolerava qualquer tipo de corrupção.

Como fazendeiro, filho de família ilustre, tinha excelentes condições financeiras e aproveitou essa circunstância para libertar seus próprios escravos e também alforriar os de outros, sendo que, se tivesse parado por aí, ainda seria aceito pelos historiadores como benemérito, mas o problema é que, para libertar cativos, formou uma verdadeira milícia armada, junto da qual enfrentava até à bala os fazendeiros escravagistas que não aceitavam libertar os próprios escravos: em suma, partiu para a luta armada, visando acabar com a escravidão negra no Brasil, pois não acreditava que leis e discursos resolvessem, no que estava correto, pois, se não fosse sua atuação e a de seus correligionários a Abolição demoraria mais alguns anos para acontecer.

Era mais ou menos treze anos mais novo que Luís Gama, foram irmãos de Maçonaria e também acabou permanecendo na advocacia de uma época para a frente até o final da vida.

Quando Luís Gama faleceu (1882), os emancipacionistas realmente engajados de corpo e alma informalmente elegeram Antonio Bento como o novo líder do movimento.

É realmente uma injustiça o nome de Antonio Bento estar esquecido, o que mostra que a História é manipulada pelos que “estão por cima da carne seca”.

Um homem da sua fibra e “duro na queda” como ele era, não se preocupava em agradar fazendeiros ou quem quer que estivesse cometendo injustiças.

Foi o branco que mais defendeu os negros da época em que o Brasil tinha escravos.

Como já dito mais de uma vez neste estudo, José Murilo de Carvalho, no livro “A Construção Nacional”, volume 2, Fundació Mapfre, p. 122, disse: “*O abolicionismo constituiu o primeiro movimento de opinião pública no Brasil.*”

E repito que, apesar de muita gente ter participado do movimento, seria mais ou menos como hoje está acontecendo quanto à moralização do Brasil: Sérgio Moro está enfrentando praticamente sozinho o poderio petista, enquanto que outros personagens, que somam milhares ou milhões, falam aqui e ali, escrevem alguma coisa, propõem mudanças, mas o único que está com a cabeça a prêmio é o corajoso e inteligente juiz federal da 13ª. Vara de Curitiba, sem o qual não aconteceria tudo o mais que mudará o Brasil, livrando-o da corrupção.

Deu para entender?

NOTAS

[1]

São João Evangelista ou Apóstolo João ou João Mozzer, foi um dos doze apóstolos de Jesus e além do Evangelho segundo João, também escreveu as três epístolas de João (1, 2, e 3) e o livro do Apocalipse. Há que se destacar aqui a existência de uma controvérsia sobre o verdadeiro autor do Apocalipse, mas uma tradição representada por São Justino e amplamente difundida no século II Ireneu de Lyon, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânone Muratori, identifica o autor como sendo o apóstolo João, o autor do quarto evangelho. Mas até o século V as igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da Palestina não pareciam ter incluído o apocalipse no cânon das escrituras, prova de que não o consideraram como obra do apóstolo. Apresenta inegável parentesco com os escritos joaninos, mas também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por seus pontos de vista teológicos (referentes, sobretudo à parúsia de Cristo), comentário de introdução ao apocalipse na Bíblia de Jerusalém.

João seria o mais novo dos 12 discípulos, tinha provavelmente cerca de vinte e quatro anos de idade à altura do seu chamado por Jesus. Consta que seria solteiro e vivia com os seus pais em Betsaida. Era pescador de profissão, consertava as redes de pesca. Trabalhava junto com seu irmão Tiago Maior, e em provável sociedade com André e Pedro.

As heranças deixadas nos escritos de João, demonstram uma personalidade extraordinária. De acordo com as descrições ele seria imaginativo nas suas comparações, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falador como discípulo. É notório o seu amadurecimento na fé através da evolução da sua escrita.

Relação com Jesus

Foi manifesta nos livros da Bíblia a admiração de João por Jesus. Jesus chamou-lhe o Filho do Trovão e posteriormente ele foi considerado o "Discípulo Amado". Também ele e seu irmão, Tiago, pedem para ficar um ao lado direito, outro ao lado esquerdo de Jesus quando estiverem no céu, além de serem batizados no mesmo batismo de Jesus, tendo por isso sido levemente repreendidos por Jesus e causado certa inveja entre os demais apóstolos.

Segundo os registros do Novo testamento, João foi o apóstolo que seguiu com Jesus, na noite em que foi preso e foi corajoso ao ponto de acompanhar o seu Mestre até à morte na cruz.

A História conta que João esteve presente, e ao alcance de Jesus, até a última hora , e foi-lhe entregue a missão de tomar conta de Maria, a mãe de Jesus. Em algumas correntes protestantes, a Bíblia indica que Jesus não era filho único de Maria (vide irmãos de Jesus), porém seria o mais velho e por isso teria a responsabilidade de cuidar de sua mãe após a morte de José. No entanto, no Evangelho Segundo São Mateus está escrito: "Nisso aproximou-se a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e prostrou-se diante de Jesus para lhe fazer uma súplica" (Mt 20,20), parece claro que esta mãe não é Maria, mãe de Jesus, mas outra pessoa, pois, então, o evangelista não escreveria "a mãe dos filhos de Zebedeu", e sim algo como "sua mãe".

Já a Igreja Católica sustenta que Cristo não tinha irmãos carnis pois no aramaico, antigo idioma utilizado por Jesus, as palavras que designavam irmãos eram utilizadas indistintamente para primos e outros parentes, devendo ser frisado que Jesus falava aramaico, mas os evangelhos foram escritos em grego, idioma mais rico, o que pode ter gerado esta confusão, no momento da tradução enquanto Ortodoxos e Ellen White, escritora adventista, creem que os "irmãos" de Jesus seriam filhos

de Jose' de seu suposto primeiro casamento, antes de ir viver com Maria.

Mais tarde João esteve fortemente ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da Igreja de Jerusalém. Foi o principal apoio de Pedro, no Dia de Pentecostes. É tradição constante e ininterrupta que pregou na Ásia Menor, especialmente em Éfeso, onde teria encerrado o ministério com morte em idade muito avançada.

O exílio

Em Patmos, ilha no leste do Mar Egeu, local onde fez o seu exílio, João escreveu o Livro da Revelação do Apocalipse. Acredita-se que este Livro da Revelação contém os fragmentos que sobreviveram de uma grande revelação, da qual se perderam grandes partes e outras partes foram retiradas, depois que João o escrevera. Apenas uma parte fragmentada foi preservada. Por outro lado, alguns teólogos e exegetas afirmam que o caráter fragmentário deste livro resulta de outros dois livros de Apocalipse que foram unidos, resultando no que conhecemos hoje, sendo que um deles já estaria escrito desde o tempo de Nero. João viajou muito, trabalhou incessantemente e, depois de tornar-se dirigente das igrejas da Ásia, estabeleceu-se em Éfeso. Orientou o seu colaborador, Natan, na redação do chamado "evangelho segundo João", em Éfeso, aproximadamente no ano 90 D.C. .

Morte

De todos os doze apóstolos, João, o Apóstolo Amado e filho de Zebedeu, tornou-se o mais destacado teólogo, tendo morrido de morte natural, em Éfeso, no ano 103 d.C., quando tinha 94 anos. Segundo bispo Polícrates de Éfeso em 190 (atestada por Eusébio de Cesareia na sua História Eclesiástica, 5, 24), o Apóstolo "dormiu" (faleceu) em Éfeso. Contudo, conta-se que a

tumba estava vazia quando foi aberta por Constantino para edificar-lhe uma igreja.

Segundo algumas interpretações João era o apóstolo que Jesus mais amava, e que tinham um enorme afeto um pelo outro.

Controvérsia

Controvérsias são suscitadas baseadas nos próprios textos bíblicos que afirmam que este discípulo não passou pela morte, segundo a interpretação de alguns. Com efeito é possível ler: Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino. (Mateus 16,28)

De outra parte está também escrito nos Evangelhos: Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se inclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: "Senhor, quem é o traidor?" Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: "E quanto a este?" Respondeu-lhe Jesus: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me." Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, "Jesus não dissera que tal discípulo não morreria", mas: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?" (João 21,18-25)

Interpretações teológicas, contudo, resolvem essa dificuldade bíblica como Jesus afirmando que ele deveria permanecer vivo até a Revelação final do cânon bíblico, o Apocalipse. A partir daí, sua morte ocorreria naturalmente, no tempo devido.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o,_o_Evangelista)

[2]

São Tiago Maior, também chamado São Tiago Filho do Trovão (Boanerge), Tiago, filho de Zebedeu e São Tiago

Apóstolo o Maior, martirizado em 44 da nossa era, foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Foi feito santo e chamado Maior (mais velho) para o diferenciar de outro discípulo de Jesus de mesmo nome, conhecido como Tiago Menor (mais jovem) e também de Tiago, o Justo, sendo estes últimos possivelmente a mesma pessoa: Tiago, menor; Tiago, o justo; e Tiago, irmão do Senhor.

O nome do apóstolo Santiago

Os nomes Tiago e Jaime derivam indirectamente do latim Iacobus, por sua vez uma latinização do nome hebraico Ya'akov (aportuguesado em "Jacó") e da sua associação Sanctus Iacobus.

Com o decorrer do tempo, o nome evoluiu em diversas direcções consoante as línguas: manteve-se Jakob em alemão e noutras línguas nórdicas, James em inglês, Giacomo em italiano e Jacques em francês.

Na Península Ibérica, há diferenças substanciais: Tornou-se Jaume ou Jaime (formas correntes no catalão). Jácome é adaptação antiga do italiano Giàcome, que subsiste como apelido pouco comum na Galiza e em Portugal. Há quem pense que o nome Iago / Yago é a forma patrimonial das línguas do centro e ocidente da península Ibérica, mas isto é falso. A únicas formas patrimoniais em castelhano, que já aparecem registadas no Cantar del Mio Cid, são Yaguo e Yagüe, ambas com evolução fonética normal a partir do acusativo e do vocativo, respectivamente. O nome do santo nesta obra aparece como Santi Yaguo e, em função vocativa, Santi Yagüe (por exemplo, quando é usado como grito de guerra dos cristãos). A forma Yaguo parece ter desaparecido por completo, mas Yagüe ainda se conserva como apelido (por exemplo, em Madrid há uma rua dedicada ao General Yagüe).

No domínio linguístico galego-português, é impossível que Iago seja uma forma patrimonial, porque todos os Ilatinos em posição inicial pré-vocálica (pronunciados [i] primeiro e [j] semivogal depois) dão lugar em romance à consoante fricativa sibilante pré-palatal ou palato-alveolar [ʒ] (IPA [ʒ]), assim já < iam, Janeiro < Ianuarius, jantar < iantare, jeito < iactus, João < Iohannes, jogo < iocus, junco < iuncus, etc., como se pode verificar em qualquer manual básico de história da língua. Portanto, o resultado esperado, a ter havido uma evolução do nome isolado, seria "Jago", "Jagó", "Jágovo", ou qualquer coisa semelhante. O que de facto ocorreu é que aqui a pressão conservadora da Igreja manteve unido o nome ao adjectivo, que evoluíram juntos como uma palavra: "Santiago". A partir de "Santiago", por via popular, produz-se a deglutinação lógica San-Tiago (São Tiago). É assim que nasce o nome próprio português e galego "Tiago" e é por isso que o nome do apóstolo e os padroeiros de múltiplas freguesias por todo o país aparecem abreviados nos textos escritos como STiagodesde a mesma Idade Média.

O nome Iago / Yago entra nas línguas peninsulares, bem como no italiano, no século XIX e inícios do XX, devido à popularidade das personagens das óperas dramáticas e, em especial, líricas (por exemplo, "Otelo", "Aída", "Carmen"...). En concreto, "Yago" é uma personagem da ópera "Otelo" (baseada na obra do mesmo título de Shakespeare), com libreto do Conde Berio e música de Rossini, que foi estreada em 1816. E Iago é apenas a adaptação escrita do nome às ortografias portuguesa e galega, que não usam a letra Y. Chega com consultar um bom dicionário da língua portuguesa como o Aurélio, para verificar que não só "Iago" procede da personagem da peça "Otelo", como ainda é empregado como substantivo comum para designar o "Indivíduo astuto, intrigante, falso, velhaco", coisa que não faria sentido se se tratasse dum nome próprio tradicional e

comum na língua portuguesa. A chegada do nome a Espanha é o que fez inventar, em certos ambientes, a forma "Sant'Iago", da abreviatura do latim de Sant Iacob .

Tiago na Bíblia

Segundo o Novo Testamento, Tiago era filho de Zebedeu e Salomé, e irmão do apóstolo São João Evangelista.

Nasceu em Betsaida, Galileia. Tal como o seu pai e o irmão, o apóstolo João, era pescador no Mar da Galileia, onde trabalhava em provável parceria com André e Simão Pedro (Mateus 4:21-22 e Lucas 5:10), consertava as redes de pesca. Tiago, Pedro e João seriam, de resto, os primeiros a abandonar tudo para seguirem Jesus como seus discípulos (Mateus 17:1 e Mateus 26:37; Lucas 8:51), tendo sido dos seus mais próximos colaboradores, ao participarem na Transfiguração, na Agonia de Cristo no Jardim das Oliveiras.

No evangelho de Mateus, conta-se que a mãe de ambos, Tiago e João, Salomé, em seu orgulho materno, pediu a Jesus que seus dois filhos, Tiago e João, fossem colocados um à direita e outro à esquerda, no Reino de Deus, porém Jesus lhe objetou: "Vós não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber?". Os apóstolos responderam: "Podemos". "Pois bem, isso é verdade", concluiu Jesus, "mas dar-vos o primeiro lugar no Reino, isso depende do meu Pai, que está no céu". Este episódio causou alguma irritação entre os demais apóstolos, pois era uma tentativa óbvia de destacar-se acima do grupo.

Segundo Marcos 3:17, Tiago e João são chamados por Jesus como Boanerges, isto é, "Filhos do trovão". Isto se deu por um fato que caracterizou a índole de ambos: ao chegar Jesus com sua comitiva à terra dos samaritanos, estes lhe interditaram a entrada. João e Tiago viram neste

fato uma afronta a Cristo e exprimiram sua indignação com estas palavras: "Queres, Senhor, que mandemos cair fogo do céu sobre esta cidade, para consumi-la?". Jesus, porém os repreendeu dizendo: "Vós não sabeis de que espírito sois! O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar as almas" (Lucas 9:54).

Segundo a Bíblia é um dos discípulos mais íntimos de Jesus de Nazaré, já que em várias ocasiões onde Jesus só se fazia acompanhar por 3 apóstolos, era ele escolhido, junto a Pedro e João. Assim se deu na Transfiguração no Monte Tabor, por ocasião da ressurreição da filha de Jairo e no Jardim das Oliveiras, pouco antes da prisão de Jesus.

Tiago é citado entre os testemunhos da terceira aparição de Cristo após a sua morte e ressurreição, nas margens do lago de Tiberíades.

Pouco mais se sabe acerca sua vida. A sua última aparição no texto bíblico mais aceito é a de que foi o primeiro apóstolo a morrer e teria sido mandado decapitar por ordem de Herodes Agripa I, rei da Judeia, por volta do ano 44, em Jerusalém. É, aliás, o único apóstolo cuja morte vem narrada na Bíblia, «Ele [Herodes] fez perecer pelo fio da espada Tiago, irmão de João» (Atos 12:1-2).

Tiago e a Hispânia

Muitos são os que creem que Tiago tenha visitado a província romana da Hispânia e pregado a doutrina cristã, logo após o episódio de Pentecostes. Na cidade de Saragoça, teria presenciado uma aparição de Maria, mãe de Jesus, que ainda vivia. Tal aparição, em cima de um pilar, originou o culto de Nossa Senhora do Pilar. Devido ao insucesso em evangelizar os pagãos da Península Ibérica, Tiago teria regressado à Judeia, onde foi martirizado. Os locais que terá passado em Portugal em vida incluem Braga, Guimarães e Rates, onde o seu discípulo São Pedro (de Rates) se tornou o primeiro bispo

de Braga ca. 45. assim como em vários locais da Galiza, na Espanha.

A tumba de São Tiago em Compostela

Segundo uma tradição lendária, o corpo de São Tiago teria sido transportado para a Galiza, e sepultado no lugar de Compostela (depois chamado, em sua honra, Santiago de Compostela). A partida terá acontecido no porto de Jafa, perto de Jerusalém, dentro de uma "arca" de pedra" feito barco arrastado pelo vento assoprado pelos anjos, atravessou o Mediterrâneo e a Costa Portuguesa, e veio a desembarcar em Padrón, pertencente depois à diocese de Iria Flávia. No entanto, obviamente, não há provas que permitam corroborar com exactidão esta lenda a não ser dizer que foi encontrado um túmulo dos tempos primórdios do cristianismo, por baixo da Catedral de Compostela, acompanhado de outros dois de cada lado. O que é mais significativo é que num deles tem visível um dos nomes dos dois discípulos de Santiago e que, segundo ela, ajudaram que essa façanha fosse possível.

Certo é que em 814, na Galiza, um eremita (seu nome Pelaio), seguindo uma revelação que tivera durante o sono, descobriu um túmulo contendo umas relíquias, e estas foram de imediato veneradas e associadas a Santiago, em virtude da lenda que afirmava que este se havia deslocado à Espanha para dar testemunho de Cristo. Sobre essa tumba viria a ser erguida a referida Catedral de Santiago de Compostela.

Como depois outra lenda conta que logo depois terá surgido no céu durante a Batalha de Clavijo, montado a cavalo e espada na mão a apoiar as hostes cristãs contra os mouros, permitindo com esse gesto milagroso a vitória do rei Ramiro I contra estes últimos. Santiago tornou-se o santo patrono de toda a Espanha, da qual fazia parte a Galiza, Leão e Castela, Aragão e o reino de Portugal mesmo depois da independência do reino de

Leão e Castela, sendo ainda hoje o patrono do Exército Português e do Espanhol.

O santuário em Compostela, tornou-se um dos mais famosos locais de peregrinação do mundo cristão, sobretudo na Idade Média, só superado por Roma e Jerusalém — as dificuldades no acesso a estes destinos acaba por conduzir muitos peregrinos a Compostela, especialmente após o final do perigo muçulmano na Península Ibérica. Mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, surge novo impulso dinamizado pelos efeitos da Contra-reforma, após concílio de Trento, em que houve uma vaga massiva de peregrinos que desembarcou nos portos atlânticos para o fazer a pé e a cavalo. O caminho de Santiago passou por isso a designar um conjunto de rotas, peçadas de albergues e hospícios dedicados ao santo, que cruzavam a Europa Ocidental e Portugal até Santiago de Compostela, através do Norte de Espanha.

Ainda hoje, dezenas de milhares de peregrinos se dirigem anualmente a Santiago de Compostela, considerada a terceira cidade mais sagrada no cristianismo depois de Jerusalém e Roma. No entanto não é de descorar a chamada de atenção de que a primeira fica no Oriente, a segunda ao centro, e esta fica muito perto ao "extremo" mais ocidental da terra cristã então conhecida (Finisterra).

Santiago Mata-Mouros

De acordo com outras tradições, Santiago teria aparecido miraculosamente em vários combates travados em Espanha durante a Reconquista Cristã — Batalha de Clavijo, em 844 — sendo a partir de então apelidado de Matamoros ("Mata-Mouros"). Santiago y cierra España foi desde então o grito de guerra dos exércitos de Hispânia. Santiago foi também protetor do exército português, pelas razões explicadas acima, até à crise de 1383-1385, altura em que o seu brado foi substituído,

oficialmente, pelo de São Jorge através da influência da corte inglesa, que então se tinha aliado a Portugal. Na prática os soldados portugueses continuaram a invocar Santiago nos seus combates, por razões de fé, tal como facilmente se pode verificar, por exemplo, lendo as descrições das Décadas da Ásia, de João de Barros.

Mais tarde, o escritor Cervantes registrou, no seu Don Quixote de la Mancha, que "Santiago Mata-Mouros é um dos mais valorosos santos e cavaleiros que o Mundo alguma vez teve; foi dado a Espanha por Deus, como seu patrono e para sua protecção."

A Ordem de Santiago

No contexto da Reconquista, a Ordem Militar de Santiago foi fundada precisamente para combater os muçulmanos e guardar as fronteiras dos reinos cristãos da Península Ibérica, e a pertença à Ordem tornou-se uma grande dignidade. Mais tarde dividir-se-ia em dois ramos, um em Espanha, e o outro em Portugal, sendo esta a Ordem Militar de Santiago da Espada. Santiago é considerado o protector do exército português, embora depois da crise de 1383-1385, São Jorge, trazido pelos ingleses, passou a ser invocado contra as hostes espanholas. O florentino Giovanni da Empoli acompanhou os portugueses na toma de Malaca "sendo nosso capitão o Apóstolo São Tiago", segundo escreveu na sua crônica.

Dia de celebração

São Tiago é aceite como santo por todas as confissões cristãs não-protestantes. É festejado a 25 de Julho, nas Igrejas Católica e Luterana. Os ortodoxos comemoram-no a 30 de Abril, os coptas a 12 de Abril, e os etíopes a 28 de Dezembro. A meados da Idade Média passou a ser concedido aos católicos a indulgência plenária pelos seus pecados. Estes tinham que se dirigir, em peregrinação e penitência, ao santuário de Sant'Iago de

Compostela nos Anos Jubilares Compostelanos, quando o seu dia santo calhasse num Domingo.

Santo Patrono

Tiago, para além de Patrono da Galiza e de todas as Espanhas, é também o santo protetor:

- *dos cavaleiros, dos peregrinos, das peregrinações e dos caminhos;*
- *do exército espanhol e do Português;*
- *de inúmeras profissões: camionistas, chapeleiros, fabricantes de peles, tanoeiros, farmacêuticos, alquimistas, veterinários...;*
- *do Chile, da Guatemala e da Nicarágua, Colômbia, Cuba, México, Peru para além de inúmeras localidades ibero-hispanas;*
- *é também invocado para a prosperidade das macieiras e outras árvores de fruto e contra o reumatismo.*
- *Santo padroeiro de uma secção de escuteiros, os exploradores.*

Iconografia

Na iconografia, Santiago possui três representações:

- *Como apóstolo (em pé, descalço, de túnica, segurando a Bíblia);*
- *Como peregrino, sentado ou em pé, usando sandálias, túnica, chapéu, cabaça, manto, e aquele que se tornou o símbolo de Santiago por excelência – a vieira (chamada concha de Santiago), a qual era usada frequentemente pelos peregrinos nos seus chapéus ou mantos – assim como um cajado, para auxiliar os peregrinos nas suas difíceis viagens por montes e vales.*
- *Por vezes, surge como cavaleiro, representado em um cavalo branco com uma espada em uma das mãos e um estandarte na outra. Essa devoção surge após a Batalha de Clavijo, em 844. Ao longo da Idade Média passa a ser*

conhecido como Santiago, o matamouros. A cruz com ponta de adaga torna-se um de seus símbolos.

- Na conquista hispânica na América, vê-se a quarta devoção a São Tiago Maior. A iconografia de matamouros será readaptada, surgindo a figura de Santiago Mata-índios, que se tornará símbolo da conquista tanto de corpos quanto de almas no Novo Mundo.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_Maior)

[3]

Tiago

Epístola de Tiago / Livro de Tiago, Na tradução portuguesa

The letter of James translated in Portuguese / Português versão João Ferreira de Almeida Atualizada (AA)

Tiago Capítulo 1

Verso 1 Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, s doze tribos da Dispersão, saúde.

2 Meus irmãos, tende por motivo de grande gozo o passardes por várias provações,

3 sabendo que a aprovação da vossa fé produz a perseverança;

4 e a perseverança tenha a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, não faltando em coisa alguma.

5 Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada.

6 Peça-a, porém, com fé, não duvidando; pois aquele que duvida é semelhante ã onda do mar, que é sublevada e agitada pelo vento.

7 Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa,

8 homem vacilante que é, e inconstante em todos os seus caminhos.

9 Mas o irmão de condição humilde glorie-se na sua exaltação,

10 e o rico no seu abatimento; porque ele passará como a flor da erva.

11 Pois o sol se levanta em seu ardor e faz secar a erva; a sua flor cai e a beleza do seu aspecto perece; assim murchará também o rico em seus caminhos.

12 Bem-aventurado o homem que suporta a provação; porque, depois de aprovado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam.

13 Ninguém, sendo tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele a ninguém tenta.

14 Cada um, porém, é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência;

15 então a concupiscência, havendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.

16 Não vos enganéis, meus amados irmãos.

17 Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.

18 Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.

19 Sabei isto, meus amados irmãos: Todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para se irar.

20 Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus.

21 Pelo que, despojando-vos de toda sorte de imundícia e de todo vestígio do mal, recebei com mansidão a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar as vossas almas.

22 E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.

23 Pois se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante a um homem que contempla no espelho o seu rosto natural;

24 porque se contempla a si mesmo e vai-se, e logo se esquece de como era.

25 Entretanto aquele que atenta bem para a lei perfeita, a da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas executor da obra, este será bem-aventurado no que fizer.

26 Se alguém cuida ser religioso e não refreia a sua língua, mas engana o seu coração, a sua religião é vã.

27 A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo.

Tiago Capítulo 2

1 Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.

2 Porque, se entrar na vossa reunião algum homem com anel de ouro no dedo e com traje esplêndido, e entrar também algum pobre com traje sórdido.

3 e atentardes para o que vem com traje esplêndido e lhe disserdes: Senta-te aqui num lugar de honra; e disserdes ao pobre: Fica em pé, ou senta-te abaixo do escabelo dos meus pés,

4 não fazeis, porventura, distinção entre vós mesmos e não vos tornais juízes movidos de maus pensamentos?

5 Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que são pobres quanto ao mundo para fazê-los ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?

6 Mas vós desonrastes o pobre. Porventura não são os ricos os que vos oprimem e os que vos arrastam aos tribunais?

7 Não blasfemam eles o bom nome pelo qual sois chamados?

8 Todavia, se estais cumprindo a lei real segundo a escritura: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem.

9 Mas se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo por isso condenados pela lei como transgressores.

10 Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, tem-se tornado culpado de todos.

11 Porque o mesmo que disse: Não adulterarás, também disse: Não matarás. Ora, se não cometes adultério, mas és homicida, te hás tornado transgressor da lei.

12 Falai de tal maneira e de tal maneira procedei, como havendo de ser julgados pela lei da liberdade.

13 Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo.

14 Que proveito há, meus irmãos se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Porventura essa fé pode salvá-lo?

15 Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano.

16 e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquectai-vos e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso?

17 Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma.

18 Mas dirá alguém: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me a tua fé sem as obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

19 Crês tu que Deus é um só? Fazes bem; os demônios também o crêem, e estremecem.

20 Mas queres saber, ó homem vão, que a fé sem as obras é estéril?

21 Porventura não foi pelas obras que nosso pai Abraão foi justificado quando ofereceu sobre o altar seu filho Isaque?

22 Vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada;

23 e se cumpriu a escritura que diz: E creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça, e foi chamado amigo de Deus.

24 Vedes então que é pelas obras que o homem é justificado, e não somente pela fé.

25 E de igual modo não foi a meretriz Raabe também justificada pelas obras, quando acolheu os espias, e os fez sair por outro caminho?

26 Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Tiago Capítulo 3

1 Meus irmãos, não sejais muitos de vós mestres, sabendo que receberemos um juízo mais severo.

2 Pois todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, esse é homem perfeito, e capaz de refrear também todo o corpo.

3 Ora, se pomos freios na boca dos cavalos, para que nos obedeçam, então conseguimos dirigir todo o seu corpo.

4 Vede também os navios que, embora tão grandes e levados por impetuosos ventos, com um pequenino leme se voltam para onde quer o impulso do timoneiro.

5 Assim também a língua é um pequeno membro, e se gaba de grandes coisas. Vede quão grande bosque um tão pequeno fogo incendeia.

6 A língua também é um fogo; sim, a língua, qual mundo de iniquidade, colocada entre os nossos membros, contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, sendo por sua vez inflamada pelo inferno.

7 Pois toda espécie tanto de feras, como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se doma, e tem sido domada pelo gênero humano;

8 mas a língua, nenhum homem a pode domar. É um mal irrefreável; está cheia de peçonha mortal.

9 Com ela bendizemos ao Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

10 Da mesma boca procede bênção e maldição. Não convém, meus irmãos, que se faça assim.

11 Porventura a fonte deita da mesma abertura água doce e água amargosa?

12 Meus irmãos, pode acaso uma figueira produzir azeitonas, ou uma videira figos? Nem tampouco pode uma fonte de água salgada dar água doce.

13 Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom procedimento as suas obras em mansidão de sabedoria.

14 Mas, se tendes amargo ciúme e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade.

15 Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica.

16 Porque onde há ciúme e sentimento faccioso, aí há confusão e toda obra má.

17 Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia.

18 Ora, o fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz.

Tiago Capítulo 4

1 Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?

2 Cobiçais e nada tendes; logo matais. Invejais, e não podeis alcançar; logo combateis e fazeis guerras. Nada tendes, porque não pedis.

3 Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites.

4 Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.

5 Ou pensais que em vão diz a escritura: O Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme?

6 Todavia, dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos; dá, porém, graça aos humildes.

7 Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós.

8 Chegai-vos para Deus, e ele se chegará para vós. Limpai as mãos, pecadores; e, vós de espírito vacilante, purificai os corações.

9 Senti as vossas misérias, lamentai e chorai; torne-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria em tristeza.

10 Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.

11 Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz.

12 Há um só legislador e juiz, aquele que pode salvar e destruir; tu, porém, quem és, que julgas ao próximo?

13 Eia agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, lá passaremos um ano, negociaremos e ganharemos.

14 No entanto, não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois um vapor que aparece por um pouco, e logo se desvanece.

15 Em lugar disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo.

16 Mas agora vos jactais das vossas presunções; toda jactância tal como esta é maligna.

17 Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.

Tiago Capítulo 5

1 Eia agora, vós ricos, chorai e pranteai, por causa das desgraças que vos sobrevirão.

2 As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão roídas pela traça.

3 O vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e devorará as vossas carnes como fogo. Entesourastes para os últimos dias.

4 Eis que o salário que fraudulentamente retivestes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos clama, e os clamores dos ceifeiros têm chegado aos ouvidos do Senhor dos exércitos.

5 Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações no dia da matança.

6 Condenastes e matastes o justo; ele não vos resiste.

7 Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba as primeiras e as últimas chuvas.

8 Sede vós também pacientes; fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima.

9 Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta.

10 Irmãos, tomai como exemplo de sofrimento e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.

11 Eis que chamamos bem-aventurados os que suportaram aflições. Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu, porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão.

12 Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; seja, porém, o vosso sim, sim, e o vosso não, não, para não cairdes em condenação.

13 Está aflito alguém entre vós? Ore. Está alguém contente? Cante louvores.

14 Está doente algum de vós? Chame os anciãos da igreja, e estes orem sobre ele, unguendo-o com óleo em nome do Senhor;

15 e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.

16 Confessai, portanto, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. A súplica de um justo pode muito na sua atuação.

17 Elias era homem sujeito as mesmas paixões que nós, e orou com fervor para que não chovesse, e por três anos e seis meses não choveu sobre a terra.

18 E orou outra vez e o céu deu chuva, e a terra produziu o seu fruto.

19 Meus irmãos, se alguém dentre vós se desviar da verdade e alguém o converter,

20 sabeí que aquele que fizer converter um pecador do erro do seu caminho salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados.

(<http://www.bookofjames.info/james-pt.htm>)